

CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS EFEITOS NO COMPORTAMENTO EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA DA COVID-19

Ana Maria de Abreu Machado¹
Thaís Mendonça Alves Pereira²
Augusto Cezar Romero De Resende³

Resumo:

O objetivo geral do artigo é identificar quais os efeitos e consequências gerados no comportamento de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista em decorrência da pandemia do Covid-19. Esta pesquisa foi constituída de uma revisão de literatura em publicações norteada pelo TEA no contexto da pandemia. Para essa produção foram utilizados artigos brasileiros publicados nos anos 2020 a 2022, entre outros instrumentos considerados relevantes para conceituar e fundamentar a pesquisa. As análises apontaram alterações no comportamento dos autistas, ocasionados pela mudança inesperada na rotina familiar, tais como aumento da ansiedade, irritabilidade, estresse, agressividade, ineficiência no sono e a desregulação da alimentação. Simultaneamente as observações também apontam que as mudanças tiveram efeitos benéficos, devido ao convívio com a família e as atividades de interação adaptada para seus filhos. Por fim, os resultados são fundamentais para novos estudos e planejamento de estratégias e políticas públicas que abordem especificamente a população autista no enfrentamento de eventos estressores.

Palavras-chave: Isolamento Social. Pandemia. Transtorno do Espectro Autista. Comportamento.

Abstract:

The general objective of the article is to identify the effects and consequences generated in the behavior of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder as a result of the Covid-19 pandemic. This research consisted of a literature review in publications guided by the TEA in the context of the pandemic. For this production, Brazilian articles published in the years 2020 to 2022 were used, among other instruments considered relevant to conceptualize and support the research. The analyzes showed changes in the behavior of autistic individuals, caused by the unexpected change in the family routine, such as increased anxiety, irritability, stress, aggression, inefficiency in sleep and food deregulation. Simultaneously, the observations also point out that the changes had beneficial effects, due to living with the family and the interaction activities adapted for their children. Finally, the results are essential for further studies and planning of strategies and public policies that specifically address the autistic population in coping with stressful events.

Keywords: Social isolation. Pandemic. Autism Spectrum Disorder. Behavior.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES.

³ Professor orientador do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra, ES

INTRODUÇÃO

Perante o colapso no sistema de saúde vivido pelo país provocado pelo Sars-Cov-2, foram necessárias ações rápidas e esforços emergenciais a fim de diminuir o contágio e a mortalidade que estava em grande escala. As medidas de prevenção foram estabelecidas pela OMS (Organização Mundial da Saúde), incluindo alguns decretos, como as máscaras de proteção, cuidados específicos com a higiene, assim como o distanciamento físico e o isolamento social, resultando simultaneamente em mudanças abruptas na rotina da sociedade (BRITO, et al. 2020).

A exigência do cumprimento engloba todos, incluindo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Porém, é expresso que em tempos comuns, indivíduos com transtorno do espectro autista e suas famílias sofrem com preconceitos e enfrentam muitos obstáculos, devido suas especificidades e necessidades, pois o TEA é uma síndrome que altera o neurodesenvolvimento, caracterizando dificuldades no processo de comunicação e linguagem, que impacta diretamente em sua socialização. (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

Por isso, no que diz respeito à mudança do cotidiano do autista, é necessário criar um planejamento para que não haja elevação do nível de estresse, agressividade, ou risco de desenvolver ansiedade ou depressão. Esse planejamento não ocorreu no período pandêmico, em virtude da urgência e avanço de contaminação do vírus, o que ocasionou o fechamento das escolas e a interrupção de atividades presenciais consideradas não essenciais (MONTEIRO et al. 2021)

Com o caos instalado, as famílias de crianças com TEA tiveram que se reinventar, apreendendo novas estratégias a fim de minimizar o sofrimento de seus filhos e de maneira imprevisível, descobrir e acompanhar práticas pedagógicas que contribuíssem com o desenvolvimento e saúde mental de seus filhos (LEITE; FARIAS; SABOIA, 2021).

Apoiando-se nas bibliografias presentes no que se refere ao comportamento de crianças e adolescentes com TEA, que em suas características possuem um déficit na socialização, as mesmas apresentam sensibilidade e dificuldade para lidar com mudanças de rotinas, por isso tiveram consequências advindas do isolamento social devido ao decreto do distanciamento, onde houve a necessidade de adquirir

novos hábitos; com clareza de informação crianças e adolescentes com TEA têm dificuldade de lidar com o novo, pois carecem de rituais, horários, ambientes propiciando uma sensação de controle e segurança, por isso entende-se da importância de originar um estudo aprofundado sobre os impactos provocados pelas medidas restritivas adotadas, como o isolamento social que inevitavelmente modificaram o comportamento das crianças com TEA (NASCIMENTO et al. 2021).

Nesse contexto, a presente revisão tem como objetivo identificar quais efeitos gerados no comportamento de crianças e adolescentes autistas em decorrência da pandemia do COVID-19, bem como, destacar quais emoções ou fenômenos se acentuaram nas crianças e nos adolescentes com TEA no período do isolamento social, e descrever quais estratégias ou recursos utilizados para estruturar a nova dinâmica familiar imposta pela pandemia.

Levando em consideração os poucos estudos científicos sobre o tema no Brasil, justifica-se sua escolha pelas possíveis contribuições que proporcionará aos profissionais de psicologia traçar estratégias e intervenções terapêuticas para crianças e adolescentes com TEA diante de situações emergenciais, pois a sociedade não está livre de novas doenças e suas disseminações.

MÉTODO

O presente estudo foi constituído de uma revisão de literatura, baseada na verificação de diferentes fontes que percorrem o tema TEA, apoiando-se em publicações brasileiras que dão referência ao período pandêmico.

Neste sentido, utilizou-se de um método qualitativo, que estuda dados mais complexos, como as expressões, comportamentos e sentimentos, e também demais ângulos que possam ser considerados no objeto estudado. Objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura (GIL, 2017).

No sentido de fundamentar a pesquisa foram exploradas as bases de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, utilizando os descritores: autismo, covid-19 e comportamento, resultando em 45 artigos. No cruzamento dos descritores, aplicou-se como critério de exclusão a faixa etária específica do tema, crianças e adolescentes, tão logo deu-se início a leitura minuciosa dos pares, e no processo de seleção obteve-se uma amostra final de 14 obras

publicadas entre os anos de 2020 a 2022. Contudo recorreu-se a outras referências fora deste recorte de anos, julgado como pertinente para estruturação e embasamento do artigo exposto.

No estudo e realização dos fichamentos, as obras escolhidas buscaram revelar quais impactos o isolamento social causou no comportamento dos autistas e conhecer quais emoções foram vivenciadas devido a inesperada quebra de rotina, desse modo, esse artigo inclina-se em fornecer dados que sintetizam os efeitos causados em crianças e adolescentes com TEA, proporcionando informações para base na construção de intervenções terapêuticas e estratégias, a fim de minimizar o sofrimento das famílias e de seus filhos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos, esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a severidade de sua apresentação é variável (APA, 2013).

Embora definido por esses principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com autismo pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais, até crianças autistas com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente (GRIESI-OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017).

As crianças autistas também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), distúrbios de sono e gastrointestinais, epilepsia (GRIESI-OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017). Segundo aponta o DSM-5 (2014, p. 57) “O transtorno do espectro autista é diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino.”

Nos dias atuais é muito utilizado a terminologia TEA (Transtorno do Espectro Autista), contudo, requer um conhecimento mais específico que esclareça sobre o conceito, as características e dificuldades encontradas na pessoa com esse

transtorno (DOS SANTOS, et al. 2017).

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugen Bleuler, no entanto a denominação do autismo toma uma proporção maior em 1943, por meio do psiquiatra Leo Kanner (CUNHA, 2015 apud DOS SANTOS, et al. 2017). São perceptíveis as manifestações dos déficits do autismo no cotidiano da criança, o déficit na comunicação/linguagem pode ser encontrado com ausência ou atraso do desenvolvimento da linguagem oral, já o déficit na interação social é recorrente ao autismo, tendo em vista a falta de reciprocidade, dificuldade na socialização e o comportamento do contato com o próximo. É perceptível no autismo déficit comportamental, onde se encaixa a necessidade do autista estabelecer uma rotina, além dos movimentos repetitivos e as estereotípias, presentes na maioria dos casos (DOS SANTOS, et al. 2017).

Gadia, Tuchman e Rotta, (2004) evidenciam sobre características apresentadas dentro do espectro:

Os padrões repetitivos e estereotipados de comportamento característicos do autismo incluem resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento de peças (tais como rodas ou hélices). Embora algumas crianças pareçam brincar, elas se preocupam mais em alinhar ou manusear os brinquedos do que em usá-los para sua finalidade simbólica. Estereotípias motoras e verbais, tais como se balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras, frases ou canções são também manifestações frequentes em autistas. (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 84).

Devido a resistência a mudanças por parte das pessoas com o transtorno e adaptação a uma nova rotina, alterações nos hábitos de forma repentina pode causar impactos significativos na vida desses. Podendo gerar aumento da ocorrência dos sintomas, tanto a nível quantitativo, quanto qualitativo, além disso sofrimento, resistência a adequação ao novo hábito e comportamentos inadequados (APA,2014; KALVIN et al, 2021).

O TEA abrange transtornos que antes eram chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Aspeger. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5, 2014).

O nome transtorno do espectro autista foi colocado para lembrar que dentro do espectro tem crianças que são diferentes. Tem crianças que são severamente

afetadas, com dificuldade na interação, na fala, sem nenhum tipo de interação com o mundo externo, enquanto tem outras crianças que tem algum nível de interação, nível de comunicação, que também estão dentro do espectro, e isso deixa notável a variável de possibilidades das características do autismo. Existem as subcategorias quem fazem parte do TEA, categorizando os níveis de gravidade do transtorno. “No nível 1 (um), o indivíduo exige apoio; no nível 2 (dois), exige apoio substancial; e no nível 3 (três) exige muito apoio substancial (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5, 2014).

Vale evidenciar que a partir do dia 01 de janeiro de 2022, a Classificação Internacional de Doenças (CID) sofreu uma nova atualização passando de CID-10 para a CID-11, sendo que na CID-10 o transtorno do espectro autista usava o código F84.0 para o diagnóstico de forma geral. Já na nova atualização o diagnóstico do TEA terá que ser especificado a linguagem e se tem ou não deficiência intelectual, ou seja, a nova alteração permitirá reconhecer melhor qual o perfil das pessoas classificadas com o transtorno, facilitando o planejamento e implementação de políticas públicas e intervenções (Organização Mundial da Saúde- OMS, 2022).

A FAMÍLIA DA CRIANÇA COM TEA

Os pais de criança com diagnóstico de TEA são confrontados por uma nova situação que exige ajuste de toda a família, o desejo idealizado da gestação precisa de uma adequação àquele que nasce e que têm características próprias, as crianças diagnosticadas com TEA frequentemente apresentam maior grau de incapacidade cognitiva e dificuldade nas relações interpessoais, conseqüentemente a isso existe um cuidado diferenciado por uma equipe multidisciplinar, tais como: psicólogos, fonoaudiólogos, terapeuta ocupacional, nutricionista (GOMES, et al. 2015).

Para a família, deparar-se com as limitações da criança autista, por menores que sejam, significa um encontro com o desconhecido. Encarar a notícia inesperada da nova realidade causa sofrimento, medo e frustração. Ser pais neste momento significa embarcar em uma experiência complexa, com dificuldades diversas, e grande responsabilidade, pois a criança poderá ser totalmente ou parcialmente dependente de seus pais (BUSCAGLIA, 2006 apud ZANATTA et al. 2014).

A dificuldade em lidar com diagnóstico e com sintomas desencadeia

sentimentos de desvalia nos pais pela perda da criança saudável, a deficiência ao acesso aos serviços de saúde e apoio social também é outro agravante e contribui para o aumento do estresse e a diminuição da qualidade de vida de cuidadores de crianças com TEA (SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JR; 2001).

A situação financeira pode ser um enfrentamento, demandando dos pais uma maior jornada de trabalho para conseguirem oferecer o melhor tratamento para seus filhos, em razão das despesas aumentadas com terapia e educação voltadas para o autista e a preocupação com o futuro devido a limitação da criança em prover o sustento próprio (MIELE; AMATO, 2016).

É possível considerar que as características inerentes ao comportamento autista, somadas à gravidade desse transtorno, pode constituir estressores em potencial para os familiares, o filho apresenta-se como um desafio para os pais, uma vez que desencadeia alterações na vida familiar devido às necessidades de acompanhamento e seu desenvolvimento. O diagnóstico de uma doença crônica no âmbito familiar, especialmente tratando-se de crianças, constitui-se em uma situação de impacto que pode permitir a mudança da rotina diária como na readaptação de papéis no âmbito ocupacional, financeiro e das relações familiares (SILVA, et al. 2021).

Os profissionais que estão envolvidos nas rotinas das famílias de pessoas com autismo, devem possuir conhecimento das dinâmicas pelas quais as famílias passam, um processo delicado que promove uma oportunidade única. Os especialistas são responsáveis por estabelecer uma aliança de confiança com os pais para que assim possam elaborar o melhor prognóstico possível (SILVA, et al. 2021).

De um modo geral, requer que os profissionais tragam uma linguagem adequada para oferecer aos pais informações claras, objetivas e atualizadas. O apoio psicológico aos pais e cuidadores, a promoção e o desenvolvimento de técnicas de abordagem e o esclarecimento sobre os limites da criança com o transtorno do espectro autista são necessários para se obter uma melhor instrumentalização do dia a dia e diminuição no nível de estresse.(Secretariada SaúdedoEstado deSão Paulo,2013) (DA SILVA, et al. 2021, p.69582).

Rotina e autismo são coisas que frequentemente andam juntos, muitas crianças diagnosticadas com TEA se apegam a uma rotina por vários motivos, pois, em geral, é pela previsibilidade que ela traz, uma rotina não apresenta surpresas e

tornam a compreensão da vida mais fácil para os autistas. Por isso que muitos pais e mães relatam como é complicado a mudança dessa rotina, por mínima que seja (MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018).

A PANDEMIA

A pandemia pegou o mundo todo de surpresa, e trouxe mudanças drásticas, mesmo para as crianças que não estão no considerado grupo de risco e menos suscetíveis às formas graves de manifestação do novo coronavírus, elas foram afetadas no sentido psicossocial, devido ao confinamento rígido imposto pelo isolamento social no combate à pandemia (LIMA,2020). Essa mudança radical no convívio social acarretou modificações significativas na vida das crianças, o que agravou-se nas crianças com autismo, devido a quebra de rotina, tão importante para as crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) (LIMA, 2020).

Uma pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF), mostrou o impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes. Esse artigo relata o impacto do isolamento no desenvolvimento biopsicossocial de crianças típicas, pois com o isolamento social, houve rupturas do cotidiano das crianças, que ainda não assimilam bem o confinamento, ocorrendo assim, mudança no sono e na alimentação (MIRANDA et al., 2020).

Desde o início da pandemia, as redes sociais e os grupos de apoio a população autista tiveram debates sobre o impacto do isolamento social, como também relatos de mães e seus esforços para garantir os filhos em isolamento e manter o controle emocional dessas crianças (PAIVA Jr, 2020).

Segundo Brito et al. (2020), grande parte das crianças autistas são suscetíveis a mudanças e ao isolamento social, devido a tais fatores elas podem desenvolver o estresse e trazer diversos transtornos psicológicos a esses infantes. Essas mudanças repentinas no cotidiano podem desencadear alterações emocionais e comportamentais, tornando-as mais irritadas, agitadas, ansiosas entre outros. Para que a ansiedade fosse amenizada durante a pandemia, as brincadeiras e os jogos foram às ferramentas mais utilizadas, pois as brincadeiras além de auxiliar na transmissão do conteúdo pedagógico, também podem ser aproveitadas para acalmar o indivíduo e desviar sua atenção em momentos de desorganização (BRITO et al., 2020).

Como essas crianças apresentam a necessidade de acompanhamento multidisciplinar e realização de atividades para desenvolvimento de habilidades, o fechamento de estabelecimentos, clínicas e escolas, bem como a mudança repentina de hábitos, afetam a saúde mental e o desenvolvimento cognitivo social e comportamental de autistas (OLIVEIRA, et al. 2021).

Ressalta-se que o lockdown, situação que envolve separação e restrição, é responsável por aflorar novos sintomas psiquiátricos, bem como desregular indivíduos que possuem diagnósticos de TEA, seja pelo receio em torno da possibilidade de infecção pelo SARS-COV-2, pelo seu estado de saúde geral, ou ainda, pelas mudanças no ambiente (DE OLIVEIRA, et al. 2021).

O processo de descontinuidade na educação, no tratamento multidisciplinar e na rotina de atividades, inclusive físicas, representam importantes fontes de estresse nas crianças com diagnóstico de TEA, a baixa disponibilidade ou proibição do funcionamento presencial das instituições que dão suporte ao tratamento do TEA representou uma ruptura no desenvolvimento das crianças, que antes eram estimuladas com atividades periódicas e civis (DE OLIVEIRA, et al. 2021).

Além do aumento da ansiedade e do estresse na criança autista, tais sentimentos também se expandiram para os pais, com a nova doença, eles se viram cercados de preocupações sobre desemprego e renda familiar, aflição de alguém da família contrair o vírus e o receio da interrupção da terapia do seu filho, o cuidado e atenção aos filhos passaram a ser feito integralmente pelos pais, que neste período, tentaram propor novas rotinas e horários para que a saúde mental das crianças fosse minimamente afetada com o isolamento (DE OLIVEIRA, et al. 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para essa revisão realizou-se uma leitura detalhada de artigos científicos, onde foram filtrados um total de 14 publicações para embasamento, buscando assim, evidenciar os efeitos e consequências gerados no comportamento de crianças e adolescentes autistas em decorrência da pandemia de COVID-19.

No processo de observação dos dados alcançados, ocasionados pela mudança abrupta de rotina nas famílias de crianças e adolescentes com TEA, surgiram comportamentos relevantes, tais como: irritabilidade e aumento da ansiedade devido a impossibilidade na continuidade dos hábitos costumeiros assim

como, estresse, agressividade, distúrbio do sono, desregulação alimentar em razão das restrições e maior tempo de ociosidade proveniente do isolamento (SOUSA GODÓI; OLIVEIRA; MELO, 2021).

Conforme Sousa et al. (2020), a pandemia viabilizou as dificuldades das famílias, impondo novos contratempos que exigem ajustes no cotidiano e organização familiar. As mudanças provocadas na rotina das crianças/adolescentes com TEA podem causar grande sofrimento, devido às dificuldades em lidar com alterações, tendo em vista, a necessidade de previsibilidade em seu cotidiano para que se sintam seguras e confortáveis (NARZISI, 2020 apud GIVIGI et al. 2021).

Brito et al. (2020) mencionam que na realidade pandêmica, o isolamento social foi adotado como forma de contenção da contaminação, exigindo uma reestruturação da rotina que poderia afetar adversamente o público autista, sabidamente sensíveis a mudanças e alterações no seu dia a dia. A rotina é fundamental para criança autista, esta, precisa necessariamente viver em um ambiente estruturado com regras claras, uma vez que isso ajuda a criança a se organizar mentalmente e conseqüentemente se acalmar, o contrário disso pode gerar muita irritabilidade.

Barbosa et.al. (2020) cita que em crianças autistas, os rompimentos de rotina e nos modelos de comportamento, causam momentos de irritabilidade e intolerância. Então, conciliar e adaptar novas habilidades e rotinas de comportamento, é um trabalho custoso, que demanda muita dedicação, persistência e repetição.

O confinamento impediu algo que é tão importante para o desenvolvimento psicossocial dos pacientes com TEA que é a interação social, com as rotinas duramente modificadas e com as medidas de isolamento social impostas nas famílias, as crianças precisaram limitar a brincadeira e o estudo para dentro de casa, bem como interromper tratamento e evitar contato social com os pares, sendo este, um atraso no processo de desenvolvimento (NASCIMENTO; BITENCOURT; FLEIG, 2021). Como é sabido a interação social é fundamental para o desenvolvimento infantil da criança autista, pois muitas habilidades cognitivas e adaptativas somente se completam durante a infância, ocorrendo ao longo do convívio e compartilhamento de experiências com outras crianças (NASCIMENTO; BITENCOURT; FLEIG; 2021).

Conforme De Sousa Alves; Vivian; Hirdes (2021) diante do atual cenário os pais e responsáveis passaram a dedicar-se de forma integral às crianças, acumulando responsabilidades pelo cuidado com a casa, família e filho com

Transtorno do Espectro Autista. Esse confinamento inesperado incomodou as crianças de forma demasiada, tendo mudanças drásticas em seu comportamento, desorganizando-as.

Segundo uma pesquisa com 30 famílias de filhos autistas realizada no ano de 2021 em Minas Gerais (MG), constatou que mais da metade das crianças sofreu com o aumento de ansiedade e consumo de alimentos, ocasionando ganho de peso desordenado, e distúrbio do sono, logo, essas informações foram analisadas a partir de relatos dos pais. Além desses, mais de uma família mencionaram a presença de comportamentos de irritabilidade, estresse, agitação, e nervosismo com mais recorrência do que antes da pandemia, sendo que uma família desta pesquisa relata agressividade por parte do filho em momentos de estresse. A falta de compreensão do cenário pandêmico, junto com a quebra de rotina causaram alteração e sofrimento evidente no comportamento e desenvolvimento dessa população (SOUSA GODÓI; OLIVEIRA; MELO, 2021).

Seguidamente em outro estudo de caso realizado com duas crianças por Nascimento (2020), revela que a nova rotina também trouxe alteração no desenvolvimento das crianças. Uma delas durante o isolamento apresentou comportamento mais irritadiço, agitação, impaciência, e por vezes agressiva. Já a mãe da outra criança participante relata que a filha conseguiu manter uma certa tranquilidade durante o período do isolamento como antes do período pandêmico, porém apresentou alteração no sono e reclamava de tédio (NASCIMENTO, 2020).

Sousa et al. (2021) ressaltam que em razão das modificações repentinas na rotina das crianças e adolescentes, em que houve a interrupção do processo terapêutico, sucedeu um retrocesso no processo de ensino e aprendizagem, e outras habilidades. Além disso, foi notado o aparecimento de distúrbio do sono, insônia, resistência para dormir e despertares noturnos. As famílias usuárias da APAE de BAURU- SP descreveram ainda comportamentos agressivos, de ansiedade, medo, angústia e aumento de estereotípias por parte de seus filhos frequentadores da organização social.

De Sousa Godói; Oliveira; Melo (2021) e Givigi et al. (2021) evidenciam em suas pesquisas o aumento do tempo em frente à televisão e o uso de produtos eletrônicos, como celulares, computadores, videogames, tablets, substituindo as atividades de lazer que eram feitas fora de casa, como ir a praia, brincar no

parquinho, visitar casa dos parentes etc.

Apesar de a grande parte das pesquisas apontarem alterações nos comportamentos das crianças e adolescentes com TEA, e em sua maioria de forma negativa, os estudos também apontaram que para algumas famílias o isolamento não revelou impacto tão negativo. Em uma pesquisa feita com 322 pais ou responsáveis no ano de 2020, dados indicaram que 9% (29) das crianças e adolescentes não estavam incomodadas com o isolamento, 101 participantes colocaram como mudanças positivas no comportamento, onde destacaram que 32 participantes (31,6%) brincavam melhor e 46 participantes (46%) se expressavam melhor (GIVIGI et al. 2021). Estudos realizados em outros países apresentaram algumas razões para uma certa tendência de o comportamento da criança autista melhorar ou a mesma não sentir desconforto em razão do isolamento, pois segundo as pesquisas, o ambiente doméstico aceita uma programação individual e por consequência redução da ansiedade; há diminuição nas distrações; estarão menos expostos a conflitos; menos estímulos sensoriais; maior tempo com a família; atividades mais calmas e rotineiras, dentre outras razões (Amaral & Vries, 2020) apud (GIVIGI et al. 2021).

No estudo de caso citado por Nascimento (2020), também foi observado aspectos positivos na mudança de comportamento de uma das crianças, que aumentou o convívio e interação com a irmã mais nova aprendendo a dividir os brinquedos e ser mais cuidadosa com a irmãzinha.

Referindo-se às estratégias e aos recursos utilizados pelas famílias para estruturar a nova dinâmica familiar imposta pela pandemia, nota-se a partir das pesquisas analisadas, certa restrição sobre essas informações. Dentre os trabalhos escolhidos para a revisão de literatura, apenas quatro apontam as estratégias que os pais recorreram para planejar a nova rotina, sendo que, nestas quatro pesquisas, a maioria dos relatos foram tentativas de estabelecer hábitos para o filho (a) mesmo dentro de casa, tais como, horário para dormir, acordar, tomar café da manhã, almoçar, lanche, assim como horário de brincar e estudar, como menciona um pai, no estudo de caso realizado por MONTEIRO et al. (2021).

Vale ressaltar que em sua maioria os relatos dos responsáveis são de deixar o uso mais flexível de eletrônicos como celular, tablets, computadores e televisores, utilizando esses recursos para distração de seus filhos e na maioria dos casos

substituir o período de lazer fora de casa (GIVIGI et al. 2021).

Uma hipótese para essa defasagem de informações pode ser devido as poucas pesquisas e estudos realizados no Brasil sobre essa temática, e ao tempo cronológico da pandemia que ainda se perdura até os dias atuais (2022), só que de forma mais contida devido a liberação e desempenho das vacinas contra o coronavírus.

O quadro abaixo representa as obras selecionadas para análise da discussão e resultados:

ANO	AUTORES	TÍTULO
2021	Alves, Groff & Hirdes	Impactos da Pandemia de Covid-19 na Saúde de Cuidadoras de Pessoas com Transtornos do Espectro Autista.
2020	Fernandes et al.	Intervenções Informativas como apoio às Famílias de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante a Pandemia da Covid-19: Um Relato de Experiência.
2021	Filgueira & Brilhante	Percepção de mães de crianças autistas sobre o isolamento social motivado pela pandemia do Covid-19.
2021	Givigi et al.	Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo.
2021	Nascimento, Bitencourt & Fleig	Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas.
2020	Lima	Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental.
2020	Malfitano, Cruz & Lopes	Terapia ocupacional em tempos de pandemia: seguridade social e garantias de um cotidiano possível para todos.
2021	Monteiro et al.	O Ensino na pandemia: Uma análise comparativa do Dispositivo Autista de Inclusão (DAI) como nova proposta para a família com criança com Transtorno do Espectro Autista.
2020	Nascimento	As mudanças na dinâmica familiar de crianças com transtorno do espectro autista devido à pandemia do coronavírus. 2020.
2021	Godói, Oliveira & Melo	Intensificação do Ciclo de Invisibilidade e o Impacto na Saúde Mental de Crianças com Autismo em decorrência do isolamento durante a Pandemia da Covid-19.
2021	Sousa et al.	Atendimento ao Transtorno do Espectro Autista

		durante a pandemia: reabilitação intelectual no CER III da APAE de Bauru.
2021	Leite, Farias & Saboia	Fonoaudiologia educacional e autismo: defasagens e prejuízos da modalidade de ensino remoto em meio a pandemia da Covid-19 (2020 a 2021).
2021	Silva et al.	Famílias frente a crianças com diagnóstico de autismo: um olhar para a atuação de profissionais da psicologia.
2020	Barbosa et al.	Os impactos da pandemia Covid-19 na vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo propôs apresentar uma temática relevante, onde seu destaque nos leva a um período atual e inesperado que foi o caos pandêmico.

Diante desse panorama, o artigo descreve as emoções observadas nas crianças e adolescentes com TEA durante o isolamento social, dando início a um intenso sofrimento a partir da quebra de rotinas e de vínculos, que ocorreu de forma acentuada e brusca, ou seja, sem chance de tempo para ajustes, novas regras, igualmente sem o uso de estratégias para minimizar os prejuízos, tendo em vista que crianças e adolescentes com TEA possuem dificuldades em alternar seus hábitos e rituais diários, visto que favorecem sua compreensão e noção de tempo.

Com esse entendimento, esclarece que crianças e adolescentes com TEA ao passarem por mudanças, inclinam-se para um comportamento ansioso e suas atividades passam a não ser mais prazerosas como de costume, pois perderam a previsibilidade, comprometendo sua motivação na realização de suas tarefas cotidianas. Em consequência dessa alteração na rotina, houve uma elevação do tempo de TV e eletrônicos; aumentando as distrações e consequentemente o aparecimento dos comportamentos ansiosos.

O estudo também relata a ansiedade adicionada a outros aspectos comportamentais, como a irritabilidade e agitação, motivos apresentados pela descontinuidade e modificação na condução das terapias, como também a ausência das competências escolares, que antes da pandemia possuía uma rotina colegial.

Outras consequências analisadas refletem o distúrbio do sono e problemas na alimentação, adquiridas pela interferência no ritual dos horários e na desorganização das atividades ao ar livre antes realizadas. Essa desregulação origina sentimentos de ansiedade e tristeza ocasionadas pelo isolamento social, conseqüentemente o aumento do consumo alimentar como forma de reconforto frente ao descontrole das emoções.

Porém no decorrer do estudo foram referenciadas famílias que durante a pandemia não perceberam alterações negativas no comportamento de seus filhos, e ao usar suas estratégias notaram que as crianças e adolescentes estavam menos distraídos, expressando-se melhor em suas brincadeiras e interações familiares.

Considerando a complexidade da pesquisa, julga-se necessário muito esforço e dedicação, por isso reforçamos que todos os saberes para lidar com crianças e adolescentes com TEA são indispensáveis, e que para esse tema, é fundamental um olhar sensível e empático.

O saber refere-se a um transtorno que não se associa a uma ideia de cura, por isso, nota-se o quanto é indispensável o atendimento multiprofissional, entre eles dos médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, psicólogos, terapeutas e educadores, suas práticas são essenciais para adaptação e melhora progressiva na qualidade de vida.

Evidencia-se que as habilidades terapêuticas do profissional psicólogo são potencialidades positivas para incentivar o desenvolvimento social e comunicativo, tão quanto, estimular a capacidade na solução de problemas e reduzir os comportamentos nocivos que interferem no alcance de novas possibilidades, em conjunto fornecer às famílias informações e suporte no enfrentamento e adaptação, devido a impactos sofridos, como esse da pandemia de Covid-19.

Portanto, frente à ciência e a união de estudos encontrados, conclui-se que crianças e adolescentes com TEA se tornam mais vulneráveis diante a eventos estressores, apresentando comportamentos instáveis e desproporcionais. Entende-se a necessidade de ações preventivas que reduzam os impactos na rotina e no desenvolvimento desse grupo, bem como, acreditamos ser de extrema importância a participação de psicólogos, nas políticas públicas e nos planejamentos de intervenções e estratégias, e que prevaleça a singularidade que envolve crianças e adolescentes com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Manual%20Diagn%C3%B3stico%20e%20Estat%C3%ADstico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf>
Acesso em: 20/03/2022.

BARBOSA, André Machado et al. Os impactos da pandemia COVID-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 48, p. 91-105, 2020. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_bibliotecas/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Rev-Secao-Jur-RJ_n.48.pdf#page=92.> Acesso em 10/04/2022.

BRITO, Adriana Rocha et al. Autismo e os novos desafios impostos pela pandemia da COVID-19 Autism and the new challenges imposed by the COVID-19 pandemic. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/72.pdf.
Acesso em 10/04/2022.

DA SILVA, Ana Carolina Galhardo et al. Famílias frente a crianças com diagnóstico de autismo: um olhar para a atuação de profissionais da psicologia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 69579-69592, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32689>.
Acesso em 15/03/2022.

DE OLIVEIRA, Amanda et al. Impactos da pandemia do COVID-19 no desenvolvimento de crianças com o transtorno do espectro autista. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 27, p. e7728-e7728, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/7728>. Acesso em 10/03/2022. Acesso em: 20/05/2022.

DE SOUSA ALVES, Silvana Ferreira et al. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE DE CUIDADORAS DE PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3269>. Acesso em: 05/04/2022.

DE SOUSA GODÓI, Rafael Simões; DE MENDONÇA OLIVEIRA, Ana Luiza; DE MELO, Denise. INTENSIFICAÇÃO DO CICLO DA INVISIBILIDADE E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS COM AUTISMO EM DECORRÊNCIA DO ISOLAMENTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. **Apae Ciência**, v. 16, n. 2, p. 52-63, 2021. Disponível em: <https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/301>. Acesso em: 05/04/2022

DOS SANTOS, Regina Kelly et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA): DO RECONHECIMENTO À INCLUSÃO NO ÂMBITO

EDUCACIONAL. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413>. Acesso em 01/02/2022.

FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi et al. Intervenções informacionais como apoio às famílias de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) durante pandemia da covid-19. **Revista GEMInIS**, v. 11, n. 3, p. 70-86, 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/562>. Acesso em 10/04/2022.

FILGUEIRA, Leila Maria; BRILHANTE, Aline Veras Moraes. Percepção de mães de crianças autistas sobre o isolamento social motivado pela pandemia do Covid-19. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 514-520, 2021. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/443>. Acesso em 04/05/2022.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/mzVV9hvRwDfDM7qVZVJ6ZDD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10/04/2022.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 6ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2017. Virtual Books, 2017. Local de acesso: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/>. Acesso em: 10/01/2022.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 7ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2019. Virtual Books, 2019. Local de acesso: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/>. Acesso em: 10/01/2022.

GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento et al. Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 24, p. 618-640, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/dbvBFTDLtMhkmmN5GksJ5hs/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10/04/2022.

GOMES, Paulyane et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de pediatria**, v. 91, p. 111-121, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15/03/2022.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 233-238, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttqmKzYsst/abstract/?lang=pt.>> Acesso: 18/03/2021.

JÚNIOR, F, P. Como o novo coronavírus impactou a vida e o mundo no universo do autismo. *Revista Autismo*. 2020. Disponível em : <https://www.revistaautismo.com.br/destaque/pandemia/>. Acesso em 10/03/2022.

Kalvin, C. B., Jordan, R. P., Rowley, S. N., Weis, A., Wood, K. S., Wood, J. J., Ibrahim, K., & Sukhodolsky, D. G. (2021). Conducting CBT for Anxiety in Children with Autism Spectrum Disorder During COVID-19 Pandemic. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04845->. Acesso em: 01/05/2022.

LEITE, Francisca das Chagas Costa; DE FARIAS, Ruth Raquel Soares; DE SABOIA, Tamires Moura. Fonoaudiologia educacional e autismo: defasagens e prejuízos da modalidade de ensino remoto em meio a pandemia da COVID-19 (2020 a 2021). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e582101523032-e582101523032, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23032>> Acesso em: 01/06/2022

LIMA, ROSSANO CABRAL. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 30, n. 2, e300214, 2020 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200313&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10/03/2022.

MACHADO, Mônica Sperb; LONDERO, Angélica Dotto; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 11, n. 3, p. 335-350, dez. 2018 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/wKsNY3ngvLDcRZ5bxWCn47v/abstract/?lang=en> Acesso em: 15/03/2022.

MALFITANO, Ana Paula Serrata; CRUZ, Daniel Marinho Cezar da; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional em tempos de pandemia: seguridade social e garantias de um cotidiano possível para todos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, p. 401-404, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/8GTs4kNrff8Xh6qFwsrK9GD/?lang=pt>> Acesso em: 01/06/2022.

MIELE, Fernanda Gonçalves; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. Transtorno do espectro autista: qualidade de vida e estresse em cuidadores e/ou familiares-revisão de literatura. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do**

Desenvolvimento, v. 16, n. 2, p. 89-102, 2016. Disponível em: <
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v16n2/v16n2a11.pdf>>
Acesso em: 01/06/2022

MIRANDA et al. "Relatório Técnico da pesquisa saúde mental dos estudantes do IFPA em tempos de pandemia". INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ- IFPA. 2020. Disponível em:
<https://ifpa.edu.br/coronavirus/documentos-covid-19/5222-relatorio-tecnico-da-pesquisa-saude-mental-dos-estudantes-do-ifpa-em-tempos-de-pandemia/file>
Acesso em: 05/02/2022

MONTEIRO, Claudia Guerra et al. O ENSINO NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO DISPOSITIVO AUTISTA DE INCLUSÃO (DAI) COMO NOVA PROPOSTA PARA A FAMÍLIA COM CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 26, n. 20, p. 1-16, 2021. Disponível em:
<<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/9303>>. Acesso em: 01/06/2022

NASCIMENTO, Iramar Baptistella do; BITENCOURT, Cristiano Rech; FLEIG, Raquel. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 2021. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/DQNzt7JYrHxTKrV7kqkFXyS/>>
Acesso em: 10/04/2022.

NASCIMENTO, Meiriellen Patrícia dos Santos. As mudanças na dinâmica familiar de crianças com transtorno do espectro autista devido à pandemia do coronavírus. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5038>>
Acesso em: 10/04/2022.

NASCIMENTO, Rafaela Pereira et al. A influência da pandemia no comportamento de crianças e adolescentes autistas The influence of the pandemic on the behavior of autistic children and adolescents. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 5, p. 22742-22748, 2021. Disponível em:
<https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/38058>.
Acesso em: 30/04/2022.

SOUSA, Dayse Mayara Ferreira et al. ATENDIMENTO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DURANTE A PANDEMIA: REABILITAÇÃO INTELECTUAL NO CER III DA APAE DE BAURU. **Apae Ciência**, v. 16, n. 2, p. 238-247, 2021. Disponível em: <
<https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/317>>
Acesso em: 25/05/22.

SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. Dinâmica familiar de crianças autistas. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, v. 59, p. 230-237, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/anp/a/mbPCH7zLH7Rn3Qv46VFKkCm/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 01/06/2022

ZANATTA, Elisangela Argenta et al. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 3, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451> > Acesso em: 01/06/2022.

Organização Mundial da Saúde. (2022). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Disponível em: <https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases#:~:text=ICD-11%20Adoption-,The%20latest%20version%20of%20the%20ICD%2C%20ICD-11%2C%20was,1st%20January%202022.%20...> Acesso em: 01/06/2022.